

(Notas : versão definitiva, revista em 3 de Outubro de 1996; grafia do português da Europa) 01.178.16

EM LISBOA , ESPERANDO O SISMO ...

Tito Iglesias

Estava eu , trôpego poeta , posto em desassossego , aos loucos anos pagando o amaríssimo tributo , no Miradouro de Santa Catarina , visualmente despedindo-me do Tejo , onde nasceram e findaram as ondas da gigantesca *ODE MARÍTIMA* (aqueles que a não leram são , para mim , portugueses de terceira ; e os que a não entenderam lusitanos de segunda ...) , enquanto consultava , com paciência e minúcias de ornitólogo , um catálogo colorido de epítafios .

E ia procurando , com indicador hirto , e por ordem alfabética catalogal , a minha futura inscrição tumular , que pretendia vinculada ao epifenómeno , dentro do casulo da morte - macio invólucro de seda - para um ser mumificado e silencioso.

Mas nenhuma delas se ajustava aos torrenciais pensamentos circulando em minha mente , nem às pretensões dos meus ossículos , sensíveis julgo , mas irreverentes .

Alguém escreveu em inglês negro , isto é , com erro ortográfico de subúrbio , uma frase de revolta , no racismo unânime , quase ofensivo ,

daquele paredão pintado de branco . Conselho de avô aos menores de noventa e três anos : - Não acusem tropos indecifráveis de racistas ...

Uma só xícara de chá do ex-xá da Pérsia , mas com a sua asa situada por dentro do recipiente , genial colocação inventada numa tarde de ócio e de ópio artístico por el-rei Artur Cruzeiro Seixas , *matador* luso , vestido de ouro e de azul , contra o *ruedo* da rotina e da trivialidade - cobriu de ridículo e sarcasmo todas as maravilhosas invenções utilitárias alemãs e anglo-saxónicas deste século XX . “ *Torero , torero , torero !* “ - gritavam os poucos espectadores atentos à genialidade , neste final de milénio dominado pela informática . Merece o Nobel da invenção quem engendrou esta chávena de chá monumental , com asa interior , planeada pelo seu autor para o Terreiro do Paço (nunca para a Praça do Comércio , actividade que este ímpar surrealista rejeita e detesta ...), solução esteticamente mais correcta do que transformá-lo em terreiro para estacionamento de automóveis . Colocação que constitui um sinal de anarquia . Ou introspectivo . Escreveu Cruzeiro Seixas: “ Chávena com asa por dentro, como quase todos nós ... “ De resto , vários títulos dos trabalhos deste artista encerram a profundidade de um pensamento , ou a graciosidade volátil de um verso .

Declaro que estou disposto a submeter-me aos resultados de um detector de mentiras , após haver escrito no meu diário a seguinte frase (eu, que tenho sangue índio das Américas) : “ - Os negros - ao contrário

dos índios - sobreviveram e multiplicaram-se porque demonstraram maior adaptação (subserviência ?) ao capitalismo branco , ferozmente tigróide . “

Enquanto o velho do pântano calculava a raiz quadrada das suas emoções existenciais , ao longo de 76 anos , comia um saboroso pão integral (prosa e poesia) que pousava , de quando em vez , na mesa de pinho da jangada .

E toda a sua maldade consistia em fazer parar o ímpeto do vento e assim imobilizar as saudades (como se padecessem de reumatismo) dos moínhos de vento já sem velas , dispersos em torno da Serra de Sintra .

Os cristais da Boémia não tinham : estacelam-se contra a lâmina de aço , escorrendo sangue , do crepúsculo . Por isso , nós , os gladiadores do dia-a-dia , brindamos com copos gauleses de cristal ao Astérix , que nos protegeu da bárbara fiscalidade na juventude , para os ouvir tinir , alacrememente , e os ver derramar sobre a toalha de linho da mesa , tatuada com bordados madeirenses , o corpo líquido e sem forma dos instantes rubros .

- O senhor , chamado “ homem da cultura “ pelos seus correligionários (apenas por ser detentor do ceptro efémero do poder) , sabe por que palavra , que habita com frequência em seu espírito , terminam “ Os Lusíadas “ ?

Prefiro , ó rubicundo romanólogo que não padece de lipemania , como alguns galaico-portugueses , um epitáfio negativo ! Exemplifico ,

inventando de improviso : Aqui não jaz , nem se encontra em paz / apesar deste langor da rima / o velho pensador que aspirava / na sua mente o pó da rotina .

A fotocopiadora crepita de júbilo e de perversidade ao tirar fotocópias do voraz incêndio que lavra entre Douro e Minho , dilatado pelo vingativo vento espanhol , aqui tão difamado , no seu perfeito consórcio com as chamas lusíadas . Quem repetirá, invejosamente - “De Espanha , nem bom vento , nem bom casamento ... “ ?

A Taprobana , depois Ceilão , hoje Sri Lanka , evocada pelo emigrante Luís Vaz de Camões (juro que nunca ouvi adjectivar assim , antes , o nómada poeta !) era uma ilha -prostituta vagueando junto aos semáforos do Índico que guiavam os navegadores . Ínsula-meretriz à espera dos lusos nautas , na expressão dos historiadores mais cultos , marinheiros que , “ cheios de tensão “ , no dizer dos ignaros grumetes , chegavam à Ásia , após lutar com a solidão e as borrascas de dois oceanos . Oxalá os fundamentalistas islamitas e literários me não dinamitem estas páginas ...

Aqui repousam , escrevem , suavizando o verbo os inventores de eufemismos , bem como os criadores das corredoras avestruzes (a não ser quando capturadas pela fotografia) , aqui apodrece , afirmo eu que uso a pituitária objectivamente , aquele que pretendia um epitáfio exibicionista e obsceno , para escarnecer dos corpos incorruptos , conotativos, segundo alguns , com a santidade .

Ó múmia inca de menina-írgem , recém-descoberta , cujo sacrifício aplacou a fúria produtiva e capitalista da lava de aquele vulcão andino ... E os espanhóis é que passaram por bárbaros , procedendo à matança (tantas vezes para se defenderem) dos índios que faziam sacrifícios humanos com meninos .

Hoje , só faço poemas a electrodomésticos ! Segundo quase todos os economistas , actividade nada *rentável* a de poeatar , ou , como diria um purista , triturando com raiva o galicismo anterior , nada rendível ; o que vem a render o mesmo , digo eu na minha ignorância (ganha menos fama e *pecúnia* um poeta , vencendo um prémio literário , com sua obra acumulada de muitos anos , do que um alarve concorrente com sorte num idiota concurso televisivo , e em poucos segundos !) . Nestes dias , só componho odes a fornos microondas , para celebrar momentos congelados; epitalâmios às fogosas batedeiras eléctricas ; elegias aos gélidos frigoríficos , alvos mausoléus de alimentos *dos dias de hoje...*

Mário de Sá-Carneiro é que sabia : “ A um morto nada se recusa / E eu quero por força ir de burro ! “ .

Em Cascais , o criptógrafo (os surrealistas não carecem de dicionário para decifrar esta palavra ...) e também poeta *excelso* Herberto Hélder , QUE ALI HABITOU , ó esplendor vocálico , erguendo as cristas das cinco vogais em três palavras seguidas (não no Palácio dos Condes de Castro Guimarães , como seria justo , mas , como não sucedeu igualmente com Fernando Pessoa - outro intelecto *incómodo* e inofuscável) , costuma dar

de comer punhados de frases sem coerência (incompreensíveis , dizem alguns monarcas-autarcas) aos cisnes decapitados do Parque da Gandarinha .

Um tigre , três tigres - nada tristes - trezentos e trinta mil , trezentos e treze tigres (sem se entarmelarem na selva de palavras as humanas línguas , nem as patas tigrinas) , jazem espalmados , quais garridos tapetes de listras , sobrepostos e sem garras , neste vasto jazigo ! - Rapazes, vamos levar rosas raiadas , sem quaisquer garras de espinhos , ao defunto amigo de animais selvagens, e só mentalmente caçador de tigres . Será o morador do mausoléu tigrado o Prémio Nobel de Literatura , Rudyard Kipling ?

Escritores e seus heterónimos há - o homem e animal de hábitos e de modas - recusados , burocraticamente, pelo panteão de Belém . Fricções estilísticas faíscam entre fragmentos de astros ...

Mas num outro jazigo suburbano jazem um cadáver , intelectualmente incorrupto , que pensou e escreveu copiosamente , e vários dos seus heterónimos .

Sob o prosaico nome , gravado na lápide exterior , que constava do seu bilhete de identidade , emitido por um Lineu do registo civil , aninham-se alguns heterónimos (como rubras bagas de romã , diria um deles ; como desequilibrada carga de navio , alvo de borrasca , exprimir-se-ia assim um outro) que compunham e completavam o seu esqueleto intelectual ; o seu ser inteiro .

Entre eles , perdura um heterónimo feminino e louro - ninfomaníaco - que os embaraçados familiares do extinto procuram disfarçar no mais sombrio canto do sepulcro . Mas que faz parte do hemisfério diurno . Aliás , grandes poetisas espancadas foram , eu suspeito , ninfómanas .

Não conduzem a pobreza , nem o desemprego , nem sequer a doença, às piores situações para o ser humano . Todos estes estados podem ser transitórios . Tétrica , porém , se torna a velhice , pois esta sim, é irrestaurável , é irreversível .

O poeta dos nossos dias pragmáticos guardou o cheque de vencedor do concurso literário , e recusou-se a aceitar a coroa de louros com que também o presentavam , alegando secamente : - Não sou vegetariano ...

(Ai o mau hábito dos falsificados certames literários portugueses ...)

Um livro é também um tapete voador , que nos conduz , pelos ares e páginas , aos países e atmosferas até onde o acompanharmos . Não é o cão do provérbio , mas o livro , o melhor amigo do homem ! Fiz esta descoberta ainda menino . Antes de percorrer , de calção , com nove ou dez anos , a minha primeira Feira de Livro , ainda então ironicamente ocorrendo na lisboeta Avenida da Liberdade.

Considero-me um escritor autófago , mas jamais pretenderei ser um pluviómetro literário ...

Como um dócil quadrúpede , trouxeram pela trela um computador da Companhia das Águas , para dessedentá-lo num fontanário , ainda activo , do Aqueduto das Águas Livres , fazendo cessar o seu cativoiro , quando até então se encontrava prisioneiro da energia eléctrica , por meio de um cabo .

Segundo alguns historiadores vivos em 25 de Abril (de 1435) , o ano seguinte ao da ultrapassagem do Cabo Bojador , ou que apresenta saliência arredondada , o general Ramalho Eanes (incorruptível e sem sorrir , como sempre) “ dobrou “ , como se exprimem manuais e professores monocordicamente , este obstáculo costeiro de África , “ no século XV “ (e os “cultíssimos” cronistas coevos pronunciaram “ século xis , vê “ , conforme me relatou , com hilaridade , a professora Filomena Ferro , pois não sabiam decifrar romanos algarismos ...) .

Aconteceu naqueles tempos de rugidos e rangidos de entrelaçadas peças de seda , que ondulavam qual dragão amarelo e rubro , perseguidas pelo erecto e já desusado metro de madeira da capelista , e pela saltitante tesoura , com que pretendiam medir e cortar roçagantes cortes , ou exíguos retalhos , ralhando todos entre eles , como se recebessem terras de uma reforma agrária .

Teus tímpanos constituem um inusitado parque de estacionamento musical para os sons do triunvirato de violinos , violetas e violoncelos , perto da lixeira de carburadores de

veículos e do cemitério de automóveis , onde se ouvem os exibicionistas tubos de escape dos motociclos loucos - a música “ rap “ dos veículos .

Prossigamos a visita ao cemitério , lendo epitáfios ! Este não é um campo-santo xenófobo ! Comprova-se esta asserção pelo enorme feixe de apelidos estrangeiros . Sobretudo hispânicos , sapateando , como escuros bailarinos de *flamenco*, nas lápidas lusas .

Nestas campas , as famílias substituíram as peles perecíveis dos cadáveres , macróbios ou não , por outras , de líoz , mármore branco , ou rosa .

Sob uma delas , jaz um ser que tremia , quase convulsivamente , perante um arbusto paupérrimo de folhas , no fim do Outono , ou se deslumbrava - até ao êxtase ! - diante da nudez - ainda semroupagens verdes , de uma copa primaveril , florida esplendorosamente de escarlate .

O rio , libidinoso e sussurrando propostas , dialoga com as copas e acaricia as pernas esbeltas das árvores das margens ...
Rio polígamo e poliglota , ao longo dos países e paisagens .

- Passa-me o acratóforo ! - gritou-me , voltando a cabeça desde o seu altíssimo pedestal de pedra , em Lisboa , o Marquês de Pombal , que é repentino e bem-falante , e já me conhecia de vista de Paço d'Arcos , onde ele possuía um forno de cal que lhe serviu para justificar parte da fortuna quando incorreu no desagrado régio (o problema de sempre para um homem de acção ...)

- Não sou alpinista para subir aí ! , - justifiquei-me , mitigando de um só trago a sede estival , ainda numa álea do “ Parque Eduardo VI “ (os

cartagineses , enfurecidos com a utilização , por parte dos seus maiores inimigos , de algarismos romanos , à entrada do Tejo , tinham já arrancado da placa com o nome do lisboeta porque o algarismo “ I “ , para confundir e desgostar os turistas mediterrânicos que por ele passassem , sem reparar no anacronismo ...)

Nestas linhas paralelas é proibido vasar entulho ! Tal qual um ainda existente amolador (profissão autónoma em vias de ser extinta ...) aqui estou eu , bem como a minha gaita sonora (meu tio José Feijóo Varela já a escutou há muitas décadas , até em Moscovo, a C. F. - antes de Carlos Fino) , oferecendo-nos ambos para afiar a sensibilidade dos moradores deste meu bairro, que o prosaico e rotineiro dia-a-dia televisivo muito embotou .

Poesia - dizem os seres bem comportados e racionais neste fim de século e de milénio - é escrever disparates com ou sem rima ! Os cordatos estão a evoluir nos seus preconceitos : antes , não admitiam poemas sem os galões dourados das rimas ... Exemplifico dislates , escrevendo a jacto , sem parar , como um estenógrafo da musa :

A máquina de fotos teve
filhos de vários fotógrafos ... ,
nascidos nas maternidades
das mais díspares paisagens .

Construções megalíticas imponentes ainda persistem cravadas no meu imaginário , “ o que prova o seu refinado gosto pelo arcaico “

(sussurram amigos meus do ex-Colégio de João de Deus , no Monte Estoril) e “ o seu espírito retrógrado “ , salivam vários *detractores* , à minha passagem , como maravilhado pedestre pensante , entre os megálitos. Torna-se evidente que os teus lindos braços brancos são menires !

Uma velhíssima locomotiva do trem de ferro gaúcho (recuso-me a escrever comboio , em português da Europa : a expressão brasileira que deixo atrás produz muito mais barulho e fumarada ...) , passa tossindo e fumegando diante do enigmático monumento megalítico (anexado pelos restos do ex-império britânico) de Stonehenge . Esta locomotiva a vapor , que tem por fogueiro , de barba branca , vestindo elegantemente de linho azul , o genial decorador e desenhador Vitório Gheno , já me foi apresentada na cidadezinha de Canela pelas louríssimas e belas rio-grandenses-do-sul Marta Rossi e Teresa Corrêa

E, numa passagem de nível ladeada por hidrängeas, agitam os braços, em acenos de despedida, o António Hohlfeldt e seu filho Samir, o qual, em pé, pouco supera então os joelhos paternos, e enviam saudades ^{americanas} para o veterano escritor Ivan Pedro de Martins, nascido em Minas Gerais, mas literariamente gaúcho (o qual, nestes dias em que o recorde, reside em Cascais, a menos de trinta quilómetros de Lisboa), esquecendo-se porém o pai Hohlfeldt de gritar desde a cancela, ao mensageiro do comboio, o seu endereço ... Mas é preciso contar com a rosa-dos-ventos da cultura, que o minhoto universal Nuno Lima de Carvalho cultiva e aperfeiçoa nas estufas de sucessivas *vernissages* no “Casino do Estoril”, onde se reúnem e conhecem seres afins (ou serafins) que amam literatura e artes, mas se encontram separados pelo contínuo acto de baralhar, efectuado pelo infatigável jogador de roleta e cartas chamado ^{senhor} Acaso ...

Assim, tive o privilégio de, casualmente, conhecer e poder conversar com Ivan de Martins, que me relatou acontecimentos de onirismo de que o mago da poesia Mário Quintana foi intérprete em Porto Alegre .

Como o túnel sob o Canal da Mancha não é vedado à fumaça volatilizável da imaginação , depreende-se logo que a velha máquina vai por ali a caminho do vulcão Stromboli , de que tanto se ouviu falar à colónia italiana do Rio Grande do Sul na primeira metade deste século . Para isso , cruzou a locomotiva - sem carris e sem terra - o Atlântico , oceano que fala português nas suas duas extremidades , aproveitando uma nave , que transportava café , no seu regresso da América do Sul , bem como lingotes de ouro de poemas do Santiago Naud e do Antônio Carlos Osório , poetas gaúchos radicados ambos em Brasília , o primeiro deles autêntico representante da terra e povo americanos , pois é neto de índia guarani da região das Missões, e que fez, no ano de 1994, belas versões em português de poemas da grande escritora da Polónia Wislawa Szymborska (antes que esta vencesse o Prémio Nobel de 1996 ...) . O segundo , inventor de Kíruna , país ainda melhor do que Pasárgada , terra exaltada pelo ^{gigantesco} poeta Manuel Bandeira .

Tinha o veleiro duas proeminentes figuras de proa , constituídas por um belo casal de Porto Alegre , acostumado a conviver com estrelas marinhas e celestes - a Tânia Carvalho e o Felício Santos - médico este , apto também a cuidar das sereias oceânicas , mordidas pelos sôfregos homens do mar ou dilaceradas pelas quilhas , que encontrassem .

Se o engenheiro , filho de engenheiro também , José Vellinho Corrêa Pinto voltar a ser presidente da Câmara Municipal de Canela , acolhedora localidade serrana do Rio Grande do Sul , que seu bisavô lusitano fundou (nem mesmo seres perfeitos , como este seu bisneto , se tornam vitaliciamente *prefeitos* ...) , sugiro-lhe , desde já , que mande colocar num grande painel de madeira à entrada desta terra , vindo de Gramado - a

dos festivais de cinema - as gracílimas palavras que Mário Quintana , poeta brasileiro de Alegrete , colheu num maciço de hortênsias - Pesquise, pesquise ! Quintana, que, tal como quase todos os escritores e mestres seus contemporâneos do Rio Grande do Sul, ^{exerceu} ~~bebeu~~ as composições literárias iniciais ^{após beber prosa e verso gataíais} (na antologia do antepassado do primeiro - o filósofo Alfredo Clemente Pinto, também criador da célebre "Selecta em prosa e verso" constituída por autores lusos e brasileiros - compilação editada, pela vez primeira em 1884, e que, em 1980, atingiu a quinquagésima quinta edição !

^{per mim proposta} Inovação nas reedições de um conhecido livro : uma inesquecível, picante e famosa personagem baiana de Jorge Amado (o qual reencontrei , ainda este ano , e por duas vezes , em Cascais e no Estoril , com a sua Zélia Gattai) para se tornar mais bela e aromática ainda , deveria , na próxima edição , ser loura , gaúcha e responder ao chamamento de Gabriela , Gramado e Canela ...

É o homem um animal submisso a modas !

Enfurece-me e espanta-me que , neste fim de século , se verifiquem barulhentos protestos em diversos pontos do mundo contra umas experiências nucleares , francesas , pacíficas e sem grandes riscos , em 1996 , num longínquo e deserto arquipélago do Pacífico e que o mundo inteiro se não haja indignado e reagido unanimemente , em 1945 , e nos anos subsequentes , quando foram lançadas em Hiroxima , urbe natal do artista plástico nipo-brasileiro Shozo Mishima , e Nagasáqui (aliás cidade esta fundada pelos portugueses , e de raízes católicas), abrindo um gravíssimo precedente do uso do átomo para fins bélicos, usando armas nucleares que provocaram muitas dezenas

de milhares de mortes, imediatamente, e produziram doenças desconhecidas em inúmeras pessoas, e para sempre. Pensando nisto, fico estupefacto pela impunidade de que os imaturos norte-americanos usufruíram até hoje, apenas por haverem sido os vencedores daquele importante e sangrento conflito bélico. Não obstante terem cometido um repugnante crime contra a humanidade! Onde estão e onde vivem os historiadores conscienciosos e equânimes? Continuam desprezíveis lacaios dos vencedores?

Ou pretendem, filhos sendo de Pinóquio, cujo nariz se dilatava quando mentia, disfarçar-se com o angelical comportamento de Branca de Neve, relações públicas dos Estados Unidos, para assim aparecerem às crianças, na Disneylândia ou no Portugal dos Pequeninos da comunicação social dos nossos dias?

Párem, ó norte-americanos, de exportar e de exemplificar crime e violência, didacticamente, nos nossos televisores domésticos!

Culturalmente só fazem fazer isto? Ou fará parte de *marketing* para vender armas no estrangeiro?

Outra vez, no cemitério, procurando inspiração para escolha do meu epitáfio, relembro dois versos do barcelonês Juan-Eduardo Cirlot, que me foi apresentado, oniricamente, pelo paulista Sérgio de Franceschi Lima, grande meteoro observado numa ocasião perto do Cruzeiro do Sul, mas que tem permanecido insolitamente invisível para os telescópios artísticos e literários brasileiros. Miopia cultural? Ou astronómica?

Examinemos a estrela cadente desprendida do catalão Cirlot :

“ Tú estás dentro de mí y estarás viva
cuando digan de mí que ya no existo “

A sua hialina transparência verbal, parecendo proporcionar fosforescência à identidade obscura do núcleo, dispensa-me de traduzir estes versos, que escolho para a minha inscrição tumular definitiva .

Nós , que nos orgulhamos , provincianamente , de factos desportivos irrelevantes, e enveredamos por triunfalismos ridículos , porque não vamos tentar descobrir as causas de ser Portugal , de acordo com as estatísticas , o segundo país em que mais ocorrem suicídios de jovens ? Ou apenas tornaremos inacessíveis à juventude mais Viadutos Duarte Pacheco ? ...



Esperamos que o homem do século XXI - mais lúcido e sensível , apesar da “ presumível “ consolidação da ditadura da comunicação social - erga ao César Iny , monarca da poesia lusíada de aquém e de além mar , após o imperador Fernando (Pessoa) I e Único , um magno monumento naval, de que deixo aqui um verbal esboço . Imagino o seu “ navio de espelhos “ encalhado e luzindo , faiscante , na misteriosa Torre de S. Lourenço da Barra , quase sempre designada por Torre do Bugio , mandada construir na foz do grande rio peninsular , nascido em Espanha , por um espanhol, o rei Felipe II . Insólita nave-escultura por mim projectada como homenagem marítima ao

adamastor lisboeta do surrealismo Mário Cesariny , a qual , “Ao crepúsculo espelha / sol e lua nos flancos “ .

Confidencia-nos o seu criador : “ O poema que começa por “ O navio de espelhos / não navega , cavalga ... “ nasceu em Londres no ano seguinte “ (1965 , parêntese meu) e está em “ A cidade queimada “ como fulgor liberto do incêndio . E como resgate . Como acontecimento (como fenómeno) (como voz) (e como forma : do enredado) não vejo na poesia portuguesa coisa que se lhe compare . Posso dizê-lo porque não fui eu que o escrevi, no sentido habitual , aitoral , do escrito:foi-me ditado . “

Registo - atónito - que , visto do lado do cais onde me encontro , singra este poema debaixo de um céu dissoluto e sob um rufar estranho :



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

“ Quando chega à cidade
nenhum cais o abriga

(O seu porão traz nada
nada leva à partida)

Vozes e ar pesado
é tudo o que transporta

(E no mastro espelhado
uma espécie de porta)

Seus dez mil capitães
têm o mesmo rosto

(A mesma cinta escura
o mesmo grau e posto) “

E o estro do poeta português cavalga , ao lombo ^{e ao longo} da escrita automática , e de modo terrífico , os seus trinta e cinco versos !

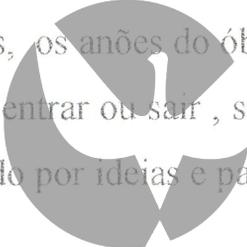
Contam-me que sereias eram vistas , nos rochedos onde se edificou a atrás referida Torre do Bugio (também conhecida pelo heterónimo incompreensível de Torre da Cabeça Seca , o qual pode girar na rotatória esfera terrestre de todas as conjecturas) e onde se ergueu , quase dois séculos depois , o farol que a coroa e alumia , mirando-se estas , com suas opulentas ancas e seios de mulher , e sua flexível cauda de peixe , no cesarinesco navio de espelhos , mas apenas durante a eclosão dos primeiros raios solares . Depois , mergulhavam , lestras , ocultando-se nas águas, turvas ou fundas, até à alvorada seguinte .

Para evitar mais naufrágios na barra do Tejo - porquanto os marujos só queriam entrar ou sair ao raiar da alba , e todos se apinhavam sempre , incluindo o homem do leme , do lado da amurada mais próxima do Bugio, onde apareciam, seminuas, as sereias, fazendo virar as suas embarcações ... - ordenou el-rei que se quebrassem os altos espelhos que revestiam os costados do navio ~~(Até ao momento em que a planície de fortalezas, monumentalmente cavalgavam)~~ , estilhaçando-os com grandes martelos de ferro e dissuadindo assim o narcisismo das elegantes e anfíbias criaturas que ali se remiravam , cada amanhecer . Estas nunca mais apareceram , pois abominam , feminilmente , qualquer violência contra os espelhos ...

De tágides não se tratava , sem equívoco ! Pois cada uma delas cobre sempre o seu seio direito com um pano preto , desde que Camões , que as distinguiu e exaltou entre as europeias ninfas , perdeu para sempre a visão do mesmo lado . E estas ostentavam, desnudos, os juvenis mamilos erectos.

Assim , para substituir as luzes e clarões daquele navio de espelhos , desenhado, no inconsciente , por Mário Cesariny de Vasconcelos , que só nasceu muito depois , em 1923, mandado foi erigir e implantar o farol do Bugio pela voluntariosa e previdente mente pombalina , farol que divide o Tejo - de um lado navegável e inteligível para a maioria , do outro padecendo de assoreamento causado pela fertilíssima imaginação surrealista , onde encalham ou naufragam sempre , sempre , os espíritos convencionais , burocráticos ou medíocres , os detectores de anacronismos, os anões do óbvio e os Dupond e Dupont da política ...

Tentem entrar ou sair , sem piloto , desta barra traçoera , deste meu Tejo assoreado por ideias e palavras .


UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Tito Iglesias
Tito Iglesias

Tapada do Mocho , em Paço de Arcos , 1996

T. G. Fernandes
R. JOAQUIM QUININO, 10 - 3º, DP.
TABADA DO MOCHO
2780 PAÇO DE ARCOS

01.178.16



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Dr. Antónia Antónia Cruz e Sousa
R. da Rosa, 152-3º, Dto
1.200
LISBOA